

## I

À minha frente, um muro. Uma faca nas costas. Eu sentia-lhe a lâmina, seca como uma luz que apenas projectasse sombra. Entre o muro e a lâmina não havia nada. Vontade, medo, expectativa, nada. Eu teria perguntado, se soubesse a pergunta, teria respondido, se houvesse resposta. Não, em ambos os casos. Não a quem perguntar, não a quem responder, não a quem acusar, eu próprio mergulhado nessa mistura de solidão e de miséria sexual de onde emergem arte, crime e religião, todos obrigados a cavar o vazio que depois se esforçam por preencher ou por dissimular. Eu duvidava, no entanto, que dos dois lados da faca o vazio fosse compatível com aquilo que o pretendia preencher. Voltei-me devagar.

No início de Março, a vedação estava terminada. Os homens tinham-na iniciado em Agosto e interrompido o trabalho ao fim de oitocentos metros. Prosseguira-o eu, a partir da segunda semana de Setembro. Depois de um mês à espera que os trabalhadores regressem, cancelara o contrato. Uma tarde, percorri a pé o perímetro da propriedade, mais de quatro quilómetros de uma linha sinuosa que contornava as colinas, atravessava a ribeira e confrontava com a estrada. Na manhã seguinte, fiz rebocar até à oficina o jipe de caixa aberta que enferrujava num barracão. Comprei ferramentas, botas, roupa de trabalho. Os postes e os rolos de rede estavam armazenados num dos estábulos, a estrema estava desmatada, o solo havia sido revolvido nos lugares mais pedregosos. Eu tinha-os observado a trabalhar, conhecia as medidas, os procedimentos,

saberia aprender. De todas as finalidades sem fim, aquela não seria a mais inútil.

Foi um Outono húmido. Sol até aos primeiros dias de Outubro, depois uma chuva persistente que se prolongou para Novembro. No final do mês, houve dez dias de céu limpo, e outra vez a chuva, intermitente mas forte. Saía de casa antes das nove, regressava à uma para almoçar, voltava para o campo até às cinco e meia, ou mais cedo nas tardes fechadas de Dezembro. Durante as primeiras semanas, chegava à noite exausto, com o corpo dorido e as mãos rasgadas, apesar das luvas. Despia a roupa húmida e deixava-me ficar debaixo do chuveiro, à espera que o calor da água pudesse compensar a fome e o cansaço. Nunca compensava. Secava-me, vestia-me, tentava não me olhar ao espelho. Saía para jantar e regressava cedo. Nunca bebia. Transformou-se numa rotina, acordar com o corpo dorido, adormecer exausto. Depois habituei-me. Os músculos ganharam massa e resistência, as articulações, flexibilidade. Ao fim da tarde, sentia-me apenas anestesiado. Tinha as pernas pesadas, as mãos mais rudes, os olhos desatentos, mas já não o cansaço inicial. Adormecia depressa. No dia seguinte, acordava às oito, comia, arrumava o quarto, descia para o pátio. Excepto se chovesse demasiado, calçava as botas de borracha, vestia o impermeável, ia até ao barracão dos materiais. Carregava o jipe com os postes, a areia e o cimento ou a rede de que iria necessitar nesse dia, e seguia pelos caminhos de terra batida que atravessavam a propriedade. Hectares de vegetação rasteira, olival abandonado e manchas de azinho no solo pouco profundo.

Trabalhava em secções de duzentos metros. Deixava uma margem para a estrema, esticava a fita métrica para obter uma linha direita e colocava as estacas de marcação. Depois, abria as covas e cravava um poste de quatro em quatro metros. De vinte em vinte, ou nas mudanças de direcção, implantava dois postes mais próximos, travava-os com um terceiro na horizontal e fixava-os com argamassa. Na terra arenosa das várzeas, não era difícil abrir uma cova e bater o poste de madeira com dois metros de comprimento até produzir uma altura contínua de metro e meio acima do solo. Nas encostas, onde não havia mais do que um palmo de terra arável, era necessário perfurar o xisto, serrar os postes e fixá-los com argamassa. O solo fora mobilizado, mas havia lugares onde a rocha não fora revolvida com

a profundidade necessária. Por vezes, não avançava mais do que trinta ou quarenta metros por dia, mas normalmente demorava três dias para uma secção de duzentos. Em seguida, instalava a rede. Rolos de cinquenta metros, com cento e quarenta centímetros de altura e arame de quatro milímetros. Nivelava-a, esticava-a, fixava-a com grampos. Acima, estendia uma linha de arame farpado.

O trabalho teria exigido duas pessoas. Uma para segurar os postes, outra para despejar a argamassa, uma para retesar a rede e o arame, outra para cravar os grampos. Duas pessoas para carregar o jipe, duas para abrir as covas. Sozinho, progredia devagar, obrigado a estabilizar os postes antes de os fixar com a argamassa, ou amarrar provisoriamente a rede antes de a pregar. Com o tempo, tornou-se mecânico. Não tinha de pensar, bastava-me em cada momento verificar o que era preciso fazer e executá-lo. Ninguém exigiria mais de mim. Apesar disso, avançava com os movimentos presos, como se temesse que alguém me observasse e me avaliasse não pelo resultado, mas pelo comportamento, a precisão dos procedimentos, a acuidade dos gestos, a eficiência no uso das ferramentas, a correcção das decisões. Alguma coisa que respondia por critérios que não eram os meus e que eu não poderia antecipar. Tornei-me mais exigente. Aprendi a dominar as técnicas, a controlar os gestos, a antever a reacção dos materiais e a ignorar o resto. Havia um trabalho, saberia executá-lo.

Manteve-se a sensação de estar a ser observado. Não havia ninguém, sabia-o. Aves de rapina, corvos, abutres. E, no entanto, resistia a olhar em volta, no respeito pelo interdito que veda ao actor dirigir-se à câmara. Desviava os olhos e baixava a cabeça, temendo menos ver do que ser visto, ouvir do que ser ouvido. Demorei a dar-me conta de que falava sozinho. Cada acção era acompanhada pela sua enunciação. Indicava o que tinha a fazer, colocava objecções, avaliava o resultado. Tentei evitá-lo, incomodava-me sentir necessidade de traduzir por palavras aquilo que se deveria bastar como fio de consciência. Forçava-me a permanecer calado, do mesmo modo que rejeitaria ver-me devolvido pelo olhar dos outros. Depois reparei que, entre o movimento dos lábios e a percepção das palavras pelos ouvidos, parecia produzir-se um desfasamento de alguns segundos, como se o som fosse projectado para um lugar exterior, sendo-me devolvido já não como a minha voz, mas como uma língua autónoma que se

dissesse a si mesma, exigindo apenas que alguém a ouvisse. Que alguém, compreendesse ou não, soubesse aceitá-la como som e como língua. Deixei de me preocupar. Tarde ou cedo, alguém ouviria.

Ao princípio, trabalhava seis dias por semana, de segunda a sábado. Ao domingo saía para ir às compras. Mais tarde, numa manhã de domingo, levantei-me como nos outros dias, desci para o pátio, e só então me dei conta do erro. Prossegui. Passei a sair os sete dias da semana. Nada distinguiu um do outro, tinha uma tarefa, pretendia terminá-la. Notava apenas, às sextas-feiras, a vinda das mulheres que faziam as limpezas, o encerramento semanal dos restaurantes onde ia jantar, as estradas mais vazias quando regressava a casa. O tempo era marcado pelo progresso da vedação. Abria algumas covas, voltava atrás, pegava num poste, cravava-o, confirmava a profundidade com a fita métrica, avançava para o seguinte.

Era um trabalho rude. Cada manhã, arrancava-me da cama assim que o despertador tocava, e obrigava-me a vestir a roupa que cheirava a humidade, a atravessar o pátio até aos barracões e a envergar o impermeável. Depois de conduzir até à vedação, era preciso abrir a porta do jipe e deixar a cabina aquecida. Com o vento, a chuva batia-me no rosto, entrava pelas aberturas do impermeável e avançava para o pescoço. Eu apertava os botões, levantava a gola, enterrava mais o chapéu. Obrigado a manter os olhos baixos, a atenção ficava limitada a alguns metros. O movimento das mãos, o manusear das ferramentas, a erva esmagada, a lama, os meus próprios passos. Transpirava, apesar do frio. Por dentro do impermeável, cada gesto gerava calor, acumulando-o contra a roupa a um ritmo superior às perdas produzidas pelo frio exterior. Rapidamente o suor me escorria pelo peito e a camisola se me colava à pele. Soltava os botões, mas a chuva infiltrava-se e a roupa ia ficando encharcada. Olhava para o céu, via as horas, depois os buracos por abrir, os postes por implantar, a rede enrolada na caixa do jipe. Continuava até à hora de almoço, até ao fim da tarde. Com o solo empapado, a lama agarrava-se às botas e às ferramentas e era necessário batê-las e arrastá-las na erva para a soltar. Pouco depois estavam novamente pesadas e eu tinha de repetir o processo.

No fundo dos vales, não via mais longe do que a vertente da colina em frente. A meia encosta, via-se o enfiamento da casa, no ponto

mais baixo do anfiteatro de colinas, e as serras ao fundo, já do outro lado da fronteira. Mais perto, a faixa desmatada pelo tractor. De ambos os lados, vegetação densa, troncos escurecidos, afloramentos rochosos cobertos de musgo e de líquenes. Nos dias de chuva, tudo o que conseguia ver estava num raio de poucas dezenas de metros. Ouvia o vento, a chuva contra o impermeável, o ruído do ferro contra a rocha, o ruído da madeira a penetrar a terra. Deixei de ir almoçar a casa. Preparava sandes antes de sair e comia no jipe. Pão, queijo, presunto, fruta. Ligava o motor, esperava que a cabina aquecesse, despia as roupas molhadas e punha-as a secar na corrente de ar quente. Meia hora depois, quando tornava a vesti-las, a lama soltava-se em placas que se desfaziam sob os pés. Ao fim da tarde, ao regressar a casa, olhava-me por um momento no espelho do átrio. O cabelo colado ao crânio, a barba crescida, a roupa empapada de lama e de solidão. Afastava os olhos. Não havia nada que quisesse ver.

No topo de cada poste, estava cravado um prego com a data de produção. Catorze, em numeração árabe, prescindindo da indicação dos dois milénios que o situariam na história. Não era esse o seu tempo. A madeira tratada tinha quinze anos de garantia, a rede de arame zincado talvez suportasse vinte e cinco anos antes que a oxidação começasse a corroê-la. Em menos do que isso alguém haveria de a forçar. A quadrícula da rede serviria de escada. Bastaria um pé na terceira fieira, colado ao poste, o segundo dois níveis acima, um impulso e o primeiro pé assentaria na extremidade do poste o tempo necessário para que o outro ultrapassasse o arame farpado e o corpo se projectasse para o lado de lá. Se habituada, uma criança de dez anos conseguiria fazê-lo. Apesar disto, era uma barreira construída para os homens. Era um limite e a representação do limite, a propriedade e a afirmação do direito de propriedade, a lei e a materialização da lei.

A meio de Novembro atingi a extremidade norte, no fundo da colina, e atravessei a ribeira, com as rodas do jipe a patinarem no fundo arenoso. Inflecti para sul, depois para ocidente, contornando a base de uma escarpa que se erguia trinta metros acima da linha de água e avancei ao longo da margem. Quase seca no Verão, a ribeira engrossara com a chuva. Para esticar a rede, eu teria de esperar que o caudal diminuísse. Prossegui para jusante, deixando três metros